

# Diversão & Arte

UM DOS MAIS IMPORTANTES FESTIVAIS DO MUNDO TERÁ A PRESENÇA DE PRODUÇÕES DO **CENTRO-OESTE** E ATÉ DO CINEMA DE CEILÂNDIA

Leo Lara/Universo Producao



Cena do filme Mato seco em chamas



Adirley Queirós: representante de Ceilândia, no Festival de Berlim

## Três perguntas / Gustavo Vinagre



Rafael Rubini/Divulgação

A ser exibido no segmento Forum, o longa Três tigres tristes, de Gustavo Vinagre, expõe amores inconclusos numa trupe de amigos que vaga por São Paulo. No meio da pandemia, há latente invisibilidade para os personagens centrais: um estudante, um rapaz que explora erotismo (em meios virtuais) e um parente desse.

### Que recado acha que passa, na projeção de Três tigres tristes no exterior? Há viés político?

O recado político é claro: o governo Bolsonaro destruiu a cultura e o cinema nacional. Meu filme é fruto de um último suspiro das políticas públicas voltadas para o audiovisual. Em 2020, ano em que eu também tinha um filme no Festival de Berlim (ou Berlinale), havia outros 19 longas-metragens brasileiros. Este ano, 2022, há apenas três. Esse número drasticamente menor é a prova do desmonte provocado pelo fascismo no poder. Eles acabaram com o Ministério da Cultura! A presença de um país em um evento cultural com a importância da Berlinale fala diretamente do poder de um país, do poder de falar de si próprio, de gerir suas próprias imagens, de contar suas histórias para o mundo... Esse poder está claramente enfraquecido, e os governantes deveriam se envergonhar.

### Que cenário ambiciona a geração atual?

Não posso falar por toda uma geração. Mas acho que o que está claro é que todos ansiamos pelo fim do mundo como ele existe hoje, e acredito que não há volta atrás para este fim: que é o fim do patriarcado, o fim de relações de poder desproporcionais, o fim do poder do Estado sobre os corpos e o que fazemos com os nossos corpos, o fim das violências preconceituosas. O governo Bolsonaro é um último suspiro, uma tentativa desesperada desse velho mundo para continuar no poder — e por isso tão descabida e radical, pois é puro desespero diante do próprio fim.

### Você luta para que o cinema brasileiro provoque escândalo? Que retorno coleta com seus filmes?

Eu não luto por escândalo algum. Luto pela liberdade de expressão, por falar de coisas em que eu acredito. O escândalo é a violência do Estado, a desigualdade social, o descaço com a cultura, o racismo estrutural, sermos o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo todo, a fome que voltou a assolar o Brasil, termos uma família de milicianos parasitas no poder (e a falta de revolta contra isso), a convivência das instituições com um golpe de estado midiático que arrancou uma presidente do poder.

# Brilho em Berlim

» RICARDO DAEHN

"Em uma favela nos arredores de Brasília, mulheres se apossam de um oleoduto para vender petróleo no bairro. Uma mistura de observação documental, filme de gêster e ficção científica, em que atores amadores interpretam versões de si mesmos." Esta é a descrição do filme feito em Ceilândia e dirigido por Adirley Queirós (em coautoria com Joana Pimenta), que está na programação do Festival de Berlim. A mostra internacional começa hoje e se estende até o próximo dia 20. O longa chamado Mato seco em chamas está integrado à mostra Fórum da 72ª edição do festival alemão, sempre dotado de viés político.

Em entrevista recente ao Correio, enquanto retrabalhava ajustes no filme, que tem quase duas horas e meia de duração e encampa coprodução com Portugal, Adirley, sempre lembrado pelo premiado Branco sai, preto fica (2014), descreveu o impulso na carreira: "O que me motiva a fazer esses filmes acho que ainda é, acima de tudo, o encontro com as pessoas, o encontro com os personagens que são os personagens da minha juventude, da minha infância — daquele meu rolê em Ceilândia: das esquinas, dos campos de futebol e dos tempos que passei desempregado".

Selecionado para a mostra Fórum (dedicada a filmes experimentais), Mato seco em chamas terá sessões a partir de 14 de fevereiro. Protagonistas do dia a dia anônimo na Ceilândia, mulheres como Joana Darc, Léa Alves e Andreia Vieira serão vistas e ouvidas na telona do evento, que trará obras de diretores consagrados como François Ozon e Paolo Taviani e estrelas como Sigourney Weaver, Isabelle Adjani e Juliette Binoche — perante o júri presidido por M. Night Shyamalan (O sexto sentido) e integrado pelo cineasta, formado em arquitetura pela Universidade de Brasília (UnB) Karim Aïnouz.

Entre outros filmes nacionais, Berlim exibirá Manhã de domingo (de Bruno Ribeiro), alinhado na disputa dos curtas-metragens, enfocando o destino de uma pianista assombrada pela morte da mãe, e Se hace camino al andar, de Paula Gaitán, vencedora de troféus Candango no 46º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Um dado interessante, no evento em Berlim, está na

# CANDANGO

origem de filmes nacionais, com realização no Centro-Oeste. Dois anos depois de Vento seco (do catalano Daniel Nolasco) chegar a Berlim, Rafael Castanheira Parrode levará o curta O dente do dragão (a ser exibido amanhã) para o segmento Forum Expanded.

"Nos últimos cinco anos, filmes goianos integraram seleções de festivais internacionais como Locarno, Mar del Plata e Cinéma du Reel. Houve um processo natural de amadurecimento da produção local, bem como um atestado da sua diversidade estética", ressalta Parrode. Ele embasa tudo, sob a observação de que tudo é desdobramento das políticas de regionalização (datadas de 2015) que possibilitaram o redirecionamento de recursos para o audiovisual do Centro-Oeste e das demais regiões menos favorecidas por políticas públicas.

O filme O dente do dragão tende para o abstrato, numa colagem radical de imagens que demarca a construção de Goiânia, tomada por símbolo da modernidade. "E vem a constatação do fracasso civilizatório desse modelo que culmina com o absurdo da tragédia do césio-137 (em 1987). Essa relação dialética e crítica com os arquivos e suas memórias, de uma maneira ou de outra acaba nos conduzindo ao presente e, por consequência, ao futuro, então acho que há atualidade no filme", explica o diretor.

A tragédia do césio-137 foi percebida, in loco, por Parrode, quando ele tinha 6 anos. Os avós paternos dele moravam no Setor Aeroporto, muito próximo de onde aconteceu tudo. Isso mantém a memória do cineasta bem viva — "e ela chega em forma de pesadelo e de assombro". Há sete anos, Parrode desenvolve um roteiro para longa-metragem sobre o tema. "Para quem é de Goiânia, a tragédia do césio é parte do nosso inconsciente e imaginário. A radiação ainda corre, invisível, pelas ruas da cidade. Goiânia é uma cidade que nunca soube lidar com seus traumas", pontua. O dente do dragão segue, na contramão, de dados de denúncia, entretanto. "O que me interessa é situar o espectador no meio

de um furacão de imagens contornadas para que ele se contamine também", descreve.

## Mais Goiás

Dia 15 de fevereiro, o Festival de Berlim mostrará outro título de raízes goianas: Fogaréu (de Flávia Neves), estrelado por Bárbara Colen (de Bacurau e da novela Quanto mais vida, melhor!), estará na mostra Panorama — que, no passado, deram visibilidade para longas nacionais como Ex-pajé, Que horas ela volta? e A última florista. Com o filme, Flávia trata de reminiscências de um passado colonial. "Espero que as pessoas sejam tocadas pelo filme. Acho que o Brasil mudou muito, desde que comecei a desenvolver o filme, em 2014. Mas acho que a perspectiva que é possível se ter, a partir de Goiás, não mudou muito", diz a diretora goiana.

Formada pela Universidade Federal Fluminense e com estudos na Escuela Internacional de Cine y TV (Cuba), Flávia mergulha, com o enredo do filme, em questões familiares (que conhece) da personagem Fernanda que, em visita feita a tio endinheirado da Cidade de Goiás, conecta mazelas do agronegócio às origens: nisso, alcança a exploração do serviço de pessoas neurodiversas, trabalhadores muitas vezes motivados apenas pelo pagamento que supre moradia e alimentação.

Com visão sobre ator e direção modificada pela técnica Meisner, aprendida com o professor Stephen Bayly, Flávia se viu influenciada desde o roteiro até a direção, no filme de estreia dela. Ponto importante na trajetória em cinema está na solidificação das mulheres no mercado do audiovisual, fator a ser observado em Fogaréu, que emprega muitas mulheres. "Espero contribuir para que o mercado se acostume com a nossa presença, que nos respeite, sem que tenhamos que ser a cópia de um homem, que entenda e acredite na nossa forma de fazer as coisas, para que não tenhamos obstáculos a mais, além da enorme dificuldade que já é fazer um filme", reforça.

## Crítica // Morte no Nilo ★★

Difícil não se render a tantos elementos de atração: um filme baseado em obra de Agatha Christie, ao custo de superprodução (US\$ 90 milhões), e precedido pelo mesmo condutor do bem-sucedido Assassinato no Expresso do Oriente (2017), o eficiente diretor Kenneth Branagh (que desponta no Oscar 2022, com o drama Belfast). Morte no Nilo estreia hoje nos cinemas da cidade. O cenário é deslumbrante e contempla o patrimônio mundial egípcio dos templos de Abul-Simbel, locações na cidade de Gizé e o impacto de uma equipe de cinema com mise-en-scène

Walt Disney/Divulgação



distante da pandemia (o filme foi rodado em 2019), e que circulou livremente por Assuã.

"Ah! O amor... não é seguro", detecta o infalível detetive Hercule Poirot (o próprio Branagh), ao entregar muito da temática de um suspense que recobre a lua de mel do casal — lindíssimo, na tela, mas sem a química necessária: Linnet (Gal Gadot, de Mulher-Maravilha) e Simon (Armie Hammer, antes dos escândalos sexuais que assolam sua vida). Tudo — traição, crime e clima

noveltesco — tem o bom embalo no roteiro de Michael Green (de Blade Runner 2049).

Com impecável direção de arte, que representa o front belga na Guerra em andamento em 1914, acopla um salto para a Londres de 1937 e ainda o trânsito no navio de luxo Karnak, Morte no Nilo destriça um jogo com amostragem de personagens, em ambiente luxuoso, que exalta preconceitos e vaidade, com direito ao blues defendido pela Salome (Sophie Okonedo). Vale a pena assistir.

Arthouse/Divulgação



Flávia Neves, diretora do filme Fogaréu

Bárbara Colen, em Fogaréu

## Outras estreias

» Case comigo

» Exorcismo sagrado

» Delicioso: da cozinha para o mundo

» A mulher que fugiu